

LUZES, LETRAS E CIVILIZAÇÃO: A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA NA IMPRENSA PERIÓDICA DO RIO DE JANEIRO E O PROJETO DE CIVILIZAÇÃO PARA O BRASIL (1808-1850)

César Agenor Fernandes da Silva*

RESUMO: Em 1808, após séculos de cerceamento, foi revogada a proibição para a instalação e funcionamento de tipografias no Brasil. Desde então surgiu uma gama variada de publicações nacionais que tratavam de diversos temas. A maior parte dos jornais, em suas introduções, dizia que seu objetivo era o de levar e espalhar as luzes entre os homens livres do país. No meio dessas publicações destacaram-se os periódicos literários, que foram amplamente utilizados pelos homens de letras para veicular os seus projetos de civilização para o país. Nesse sentido, a divulgação ampla dos conhecimentos técnicos e científicos foi uma constante preocupação dos jornalistas cariocas do período. Técnicas de cultivo, novos inventos, teorias sociais e raciais são alguns exemplos dos conteúdos veiculados e são sobre esses conteúdos que o presente artigo tratará.

PALAVRAS-CHAVE: ciência e técnica, imprensa, Rio de Janeiro.

ABSTRACT: In 1808, after centuries of restrict, it was revoked the prohibition for the installation and functioning of the press in Brazil. Since then a varied gamma appeared of national publications that dealt with diverse subjects. Most of periodicals, in its introductions, said that its objective one was to take and to spread the illustration between the free men of the country. In the way of these publications the literary ones had been distinguished periodic, that widely had been used by the men of letters to propagate its projects of civilization for the nation. In this direction, the ample spreading of the scientific and technician knowledge was a constant concern of the Carioca journalists of the period. Techniques of culture, new inventions, social and racial theories are some examples of the propagated contents and are on these contents that the present article will treat.

KEYWORDS: science and technique, newspaper and periodicals collectively, Rio de Janeiro.

É uma verdade, conhecida ainda pelos menos instruídos, que sem a prodigiosa invenção das letras, haveriam sido muito lentos os progressos nas Ciências, e nas Artes. Por elas o Europeu transmite ao seu antípoda as suas descobertas, e as mais doces sensações da nossa alma, os nossos mesmos suspiros (para falar com Pope) voam do pólo á Índia [...]. Voa a despeito das injurias do tempo, e prende remotíssimos anéis da cadeia não interrompida dos erros do entendimento, e dos crimes do coração humano (O Patriota - Jornal Literário, Político e Mercantil &c., v.1, n.1, jan., 1813).

O primeiro dever de um homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças Físicas, ou Moraes, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles, que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia, e do

* Mestre e Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP campus de Franca. Bolsista CAPES sob orientação do Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França

engano. Ninguém mais útil pois do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente, e o trabalho dos redatores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica sã, e de uma censura adequada representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro. (Correio Braziliense, junho de 1808)

Em maio de 1808, o governo de D. João VI, liberou a produção de textos impressos no Brasil após séculos de proibição. Com a liberação das letras impressas, surgiu uma cultura escrita produzida sistematicamente no Brasil. As letras foram, então, tomadas como um dos mais importantes elementos para o desenvolvimento da civilização entre nós. Periódicos, folhetos, livros, opúsculos foram escritos e impressos no Brasil com o intuito de promover as luzes e fomentar o desenvolvimento do futuro país.

Foram vários os tipos de periódicos produzidos, desde publicações que agitaram e incendiaram o cenário político do período (LUSTOSA, 2000) até jornais que tratavam quase que exclusivamente de temas literários e científicos. A imprensa periódica como um todo, desde o fim do século XVIII na Europa e no decorrer do oitocentos também no continente americano foi uma das ferramentas mais utilizadas para a divulgação e defesa das luzes (PALLARES-BRUKKE, 1995; 1998).

O Patriota bem como o *Correio Braziliense* de Hipólito da Costa em suas introduções destacaram o papel que deveriam desempenhar para ajudar na civilização do Brasil. Esses tópicos, expostos na epigrafe deste texto, podem ser encontrados praticamente sem exceções nos demais periódicos que circulavam no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.¹

A divulgação dos conhecimentos técnicos e científicos para um maior número de pessoas foi, sem dúvida, uma constante preocupação dos jornalistas cariocas do oitocentos. Visto que esses conhecimentos passaram a ser tomados como um dos principais parâmetros da civilização. As revistas literárias veiculavam esses conteúdos constantemente, trazendo aos seus leitores uma gama variada de temas e de novas descobertas tendo por objetivo iluminar a sociedade brasileira.

As descobertas das ciências, em muitas ocasiões, recebiam a denominação de Artes, sobretudo, quando os avanços eram referentes às questões técnicas de diversas áreas como a arquitetura e a náutica. A invenção do pára-raios, de tecidos não inflamáveis, de máquinas para fazer pão e outros artigos para a indústria foram tratadas como novas descobertas das

¹ Vale realçar que no período os periódicos custeados em sua grande maioria pelo(s) seu(s) redatores tinham vida efêmera. Normalmente chegavam a sete números. Porém, isso não tira a importância dessas publicações, pois, apesar de durarem pouco, uma quantidade considerável destes jornais foi produzida no período. Se focarmos apenas nos periódicos literários, pode-se contar mais de 50 títulos diferentes publicados na primeira metade do século XIX. Cf. CATALOGO de periódicos brasileiros microfilmados, 1994; FONSECA, 1941. VIANNA, 1945.

artes. Na imprensa brasileira do período a palavra Arte (que vem do grego *Tchné*) ganhou o mesmo sentido de Técnica, como no jornal *O Patriota* (1813-1814), editado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, com a colaboração de alguns ministros de D. João no Rio de Janeiro. O magazine, na seção dedicada às “Artes”, publicou textos cujos conteúdos tocavam em questões técnico-científicas, como “*Novo modo de refinar assucar*”, “*Branqueação da cera*” e “*Memorias sobre as novas fornalhas para cozer o assucar*”.

Esta concepção de Artes também está muito ligada à idéia de indústria. Entretanto, o termo indústria, nos primeiros decênios do século XIX, incorporava outra definição, pois se aplicava tanto a um conjunto de fábricas e manufaturas quanto aos indivíduos que poderiam ter indústria ou ser industriosos. José da Silva Lisboa, em 1810, no primeiro texto não oficial saído dos prelos da Imprensa Régia tentou dar a seguinte acepção ao termo:

A indústria é um termo ainda não exatamente definido. Em geral, nas matérias econômicas, se entende como sinônimo de trabalho ativo e assíduo. Assim diz-se que é industrial um homem que trabalha com viveza constantemente para ganhar a sua vida; e se chama a um preguiçoso, e inerte um homem sem indústria. Porém mais ordinariamente se aplica aquele termo ao trabalho engenhoso, que executa com algum considerável grau de inteligência, para se distinguir do mero grosseiro trabalho braçal, e, com esta especialidade se usa de tal nome para se exprimir o trabalho exercido nas artes e manufaturas mais refinadas. Assim diz-se que um país tem muita indústria, quando tem mais fábricas (LISBOA In ROCHA, 2001, p.222).

Em 1822, o jornal intitulado *Annaes fluminenses de ciências* ofereceu a seguinte definição a palavra Arte e demarca a sua importância:

Desta sorte compreende-se de baixo do nome Artes todo o sistema de conhecimentos, que é possível reduzir a regras invariáveis, e independentes do capricho, e da opinião, pois que a odiosa distinção de Mecânicas, e Liberais com razão é conhecida pelos Políticos como filha só dos tempos de barbaridade, e que não podem ser admitida neste século, em que a razão do homem esclarecido, tanto a palheta do Apeles, ao finzel do Escutor, como a charrua do Cultivador, ao báculo e a rede do Pastor, e Pescador. Todas as Artes úteis são tanto mais nobres, quanto mais necessárias para a manutenção da sociedade: só é desprezível o crime na pessoa dos que cometem, sejam eles nobres, ou plebeus; mas sempre é louvável aquele que pelo seu trabalho honesto e assíduo é útil a sociedade (Annaes Fluminense de Sciencias, Artes e Literatura, n.1, jan 1822, p.4).

O *Annaes Fluminenses* ao apresentar aos seus leitores “o plano da obra”, expôs os conceitos sobre o sistema científico e as questões sobre a técnica e a tecnologia, que seria uma junção das artes práticas com as ciências especulativas. Essa definição marca bem as concepções sobre esses temas no período, que foi comum durante o oitocentos. O redator do periódico, José Vitorino dos Santos e Sousa, apoiando-se também no grego Heráclito, define a tecnologia e seus usos em prol da sociedade da seguinte maneira:

[...] a Filosofia das Artes, ou Tecnologia, que mostra a possível união sistemática das Artes práticas com as Ciências especulativas, desperta os sábios naturalistas, matemáticos e políticos, cujas máximas devem ter toda a correlação com o adiantamento das Artes, e Manufaturas, para que encham o grande vazio, que se acha entre as Ciências abstratas, ou especulativas, e a prática das funções, que têm imediato uso na vida comum, de modo que achando-se um erudito nas oficinas mecânicas, nem lhe pareça achar-se em um mundo novo entre objetos, de que não compreende o uso, e seus Artistas que tornam em ridículo a sua presumida erudição, quando ele não tem familiaridade com a prática de sua Arte (d)

(d) O Grande Filósofo Heráclito era encontrado muitas vezes na Oficina de um Ferreiro, e a resposta que dava a gente de pouca inteligência, que se maravilha de ver ali, era dizer-lhe: eis aqui a oficina, aonde se criam os Deuses, são pois os filósofos os mais esclarecidos Auxiliadores das Artes, quando tem, além da instrução, a docilidade necessária para tratar com os Artistas a fim de concorrerem mutuamente a perfeição das práticas, e das Teorias (Annaes Fluminense de Sciencias, Artes e Literatura, t.1, n.1, janeiro 1822, p.15-16)

Em 1826, José Vitorino dos Santos e Sousa em parceria com Felisberto Inácio Januário Cordeiro no *Jornal econômico, científico e literário*, avançaram no tema e chamaram a atenção para a necessidade de ampliação do conhecimento técnico-científico na sociedade brasileira:

E serão, por uma espécie de não merecimento do fatalismo, os Povos do precioso e invejado Brasil, tão indolentes, ou tão indiferentes para os progressos de sua ilustração científica, e de seus conhecimentos úteis, – para com seu bem estar, dizemos, que omissa e repugnantemente prescindam de aproveitar-se, pelo meio fácil e cômodo da publicação de Jornais Literários, das importantes utilidades que lhes podem resultar das notícias de tais descobertas, e dos melhoramentos adquiridos pelas Nações mais cultas e industriosas; – e que, por consequência deixem (como se carecessem de verdadeiro zelo patriótico) de deliciar imitar, aperfeiçoar, e mesmo nacionalizar os descobrimentos, as invenções, as máquinas, as construções os estabelecimentos fabris, e as escolas das Ciências e Artes? (Jornal Científico, Economico e Litterario, n.1, 1826, p.6)

Em 1835, *O Auxiliador da indústria nacional*, periódico publicado pela Sociedade auxiliadora da indústria nacional,² trouxe uma reflexão acerca da Ciência que, além de traçar um panorama do papel que estes conteúdos ocupariam no desenvolvimento da civilização entre nós, mostra bem a concepção sobre o tema no período.

Graças a Filosofia moderna, Aristóteles deixou de ser um oráculo, e todos os ramos das Ciências Matemáticas e Físicas têm feito prodigiosos progressos! O peso do ar, suscitado por Bacon, e demonstrado por Torricelli; a atração, que o mesmo Bacon percebera, e que Newton provara evidentemente, submetendo-a a calculo; a inversão das Lentes, e da Ótica, assim como a das Ciências e Artes que lhe são relativas; a perfeição dos conhecimentos Astronômicos; a criação da Química; a decomposição da água e do ar; as sabias teorias relativas a combustão, a eletricidade, ao galvanismo, ao magnetismo, a cristalografia, as afinidades, a composição e decomposição dos corpos; a descoberta do calórico e da luz; a do oxigênio e dos metais; a redução das terras, dos álcalis, dos ácidos e dos sais; a precisão das medidas, geodesias e das determinações geográficas; as das observações dos Naturalistas e dos Físicos modernos; o aperfeiçoamento dos instrumentos destinados a fazê-las; a determinação das medidas e dos pesos

² Sobre esta sociedade ver o estudo de DOMINGUES In: DANTES, 2001, p.83-110.

específicos; o melhoramento da Mecânica, da Hidráulica, e de todas as Ciências, que lhe são anexas; o nascimento da Anatomia comparada, e sua aplicação a Fisiologia, e também a Medicina as demonstrações da circulação do sangue, da formação do quilo, dos fenômenos da respiração, da digestão e da geração: todas estas descobertas, e outras muitas que foram contemporâneas, têm por fim destruído todos esses sistemas absurdos, debaixo de cujo peso a ignorância dos antigos comprimia por longo tempo a Ciência e gênio dos modernos. Agora Sociedades Patrióticas e sábias, derramadas por toda a parte, estudam a antiguidade e a natureza. Por toda a parte se colhem fatos para aumentar a massa dos conhecimentos úteis, e os Literatos de todos os países os coligem para os vulgarizar, em quanto os Artistas mais hábeis se ocupam em fazer deles as mais importantes aplicações (O auxiliador da indústria nacional, n.1, v.1, 1835, p.3-4).

O leitor destes periódicos se deparava constantemente com a defesa da necessidade de se aplicar um trabalho racional aos diversos setores da sociedade brasileira oitocentista, ainda que, muito do que foi veiculado em relação às memórias,³ melhoramentos e métodos fosse direcionado, sobretudo, para a agricultura. O discurso do Brasil como um “gigante pela própria natureza” e detentor de um enorme potencial natural emergiu no começo do século XIX das penas de José Bonifácio, Hipólito da Costa, José da Silva Lisboa e de toda uma leva de intelectuais que foram importantes no período pré e imediatamente posterior à Independência do país.

Artigos sobre como ampliar, melhorar e aproveitar a cana-de-açúcar foram um dos campeões em recorrência durante o período recortado. Em 1813, o Patriota publicou textos sobre cana e engenhos, em 1835, o jornal *Miscelânea Científica* abre seus artigos com texto sobre o mesmo tema. Os periodistas, no entanto, não apenas divulgavam os conteúdos como também propunham soluções para alguns problemas

Como o artigo emblemático publicado no *O Beija-Flor*, em 1830, na seção Agricultura. Nesse texto, presente dos números 5 a 7, foi apresentado, analisado e reproduzido um trecho do “*Manual do Agricultor Brasileiro*”, publicado contemporaneamente ao periódico. A primeira queixa do redator foi em relação a baixa recepção que a publicação, “tão importante”, obteve, com apenas 30 subscritores. A resenha do conteúdo do livro, por sua vez, começou por fazer um prospecto positivo das possibilidades do desenvolvimento da agricultura no Brasil, sobretudo por causa das potencialidades naturais do país.

Entretanto, a análise sobre o estado da agricultura no país foi desanimadora, pois os defeitos não residiam apenas no cuidado com a terra, mas também estrutura do comércio. As comunicações para o comércio, vistas pelo redator como essenciais, eram “nulas ou dificultosíssimas”. Além disso, o “desleixo, ou a vertiginosa ambição do fisco aumentam o

³ Alguns dos artigos técnicos recebiam o nome de memória, como “*Memória sobre a cultura dos algodoeiros, por Manoel Arruda da Camara*”. *O Patriota*, v.1, n.1, 1813, p.22.

embarço” e impedem que nos lugares onde haja rios, mares e canais naturais sejam desenvolvidos mais facilmente a comunicação e o comércio (**O Beija-Flor**, n.6, p.163).

A qualidade dos homens que gerenciavam e empreendia no ramo agrícola também foi severamente criticada, segundo o *Beija-Flor*, o exercício e direção da Agricultura "estão quase que abandonados à classe mais grosseira e incapaz, a dos peões, desertores, marujos de onde saem os feitores, os quais suprem a experiência, luzes, e supersticiosa rotina pela brutalidade” (**O Beija-Flor**, n.6, p.163). Ponto fundamental da análise era que o atraso técnico, “como a quase nulidade no uso do arado e da introdução de maquinas no campo”, seria um dos principais fatores do atraso agrícola brasileiro.

Após fazer um resumo do Manual, o redator tirou suas conclusões e disse que a publicação apontava muito bem as deficiências no trato da agricultura do país, mas não propunha soluções, apenas trazia considerações gerais. Por isso, o redator resolveu apontar cinco soluções para melhorar a agricultura brasileira. A primeira ação deveria ir na direção de facilitar e investir na abertura de estradas, canais e pavimentos de cabotagem. A segunda propunha a "redação de um Código para a escravatura que uniformize o tratamento que deve se dar aos escravos, e combine o interesse do dono com o tolerável bem-estar dos pretos, pois que a Religião, humanidade e utilidade privada e pública assim o exigem” (**O Beija-Flor**, n.6, p.166). A terceira seria a criação de uma espécie de fórum de agricultores notáveis com a convocação anual, em cada comarca, de agricultores mais consideráveis para que esses formassem um “Júri da Agricultura”, que deveria distribuir prêmios e honrarias para quem se destacasse pela produção e introdução de alguma cultura nova, ou "cuja escravatura estaria de melhor estado ou teria sofrido proporcionalmente menor mortandade" (**O Beija-Flor**, n.6, p.166).

A quarta solução incidia sobre a melhora da instrução, com a criação de cadeiras de agricultura em todas as “cabeças de Províncias”, exigindo "dos Administradores e primeiros feitores dos engenhos, e fazendas, que contassem mais de 15 escravos, fossem assistir a eles, e mesmo depois de um prazo competente, não permitindo as pessoas que se destinassem a semelhantes empregos fazê-lo sem os diplomas do dito curso" (Idem). A quinta seguia na direção educativa ao sugerir que fossem redigidos e distribuídos “em todas as Freguesias livros elementares e folhetos sobre a arte em geral e todos os ramos da Agricultura."

Seguindo todos esses passos restava incorporar e utilizar maquinário no campo e criar uma lei sobre colonos, que deveria garantir e firmar compromissos. Em nota de rodapé, o

autor acrescenta que essa lei já existia.⁴ Feito isso, somado à criação de sociedades promotoras da agricultura, o cenário se modificaria rapidamente.

No entanto, apesar da agricultura ter recebido atenção especial durante o período outros ramos do conhecimento também se destacaram, como a História Natural, que era a menina dos olhos dos homens de ciência nacionais. A pesquisadora da Fiocruz, Lorelai Kury, ao realizar uma periodização da história da ciência brasileira, diz que, de 1820 a 1870, a História Natural transpôs os limites do conhecimento puramente científico, sobretudo pela importância dada à Natureza, que foi um dos pilares para a configuração de identidade nacional;⁵ segundo Kury:

Ocupando a natureza brasileira lugar de destaque como elemento simbólico da especificidade nacional, a história natural e a divulgação de suas teorias no seio da elite letrada adquirem relevância para além das questões estritamente científicas (KURY, 1998).

A *Gazeta dos Domingos* (1839), por exemplo, na partição dedicada a História Natural, publicou uma série de textos sobre a variação da raça humana, baseados no que escreveu o filósofo e naturalista do séc. XVIII Georges Cuvier. Os textos descreviam desde feições físicas até aspectos morais de “raças” diferentes, como dos Caucasianos, dos nativos americanos, dos mongóis (asiáticos), dos negros e de outras subdivisões propostas pelo teórico. A primeira raça tratada nessa série de artigos foi a Caucásiana e chamou atenção a descrição de seus “sentimentos morais” e os motivos que a faziam dominar as demais raças:

Os sentimentos morais e capacidades intelectuais dessa raça tem-se desenvolvido até ao auge da perfeição de que a natureza humana tem dado provas. As nações mais civilizadas tanto dos tempos antigos como modernos, tiveram a sua nascença da raça Caucásiana, a qual excetuando casos de resistência física em ponto

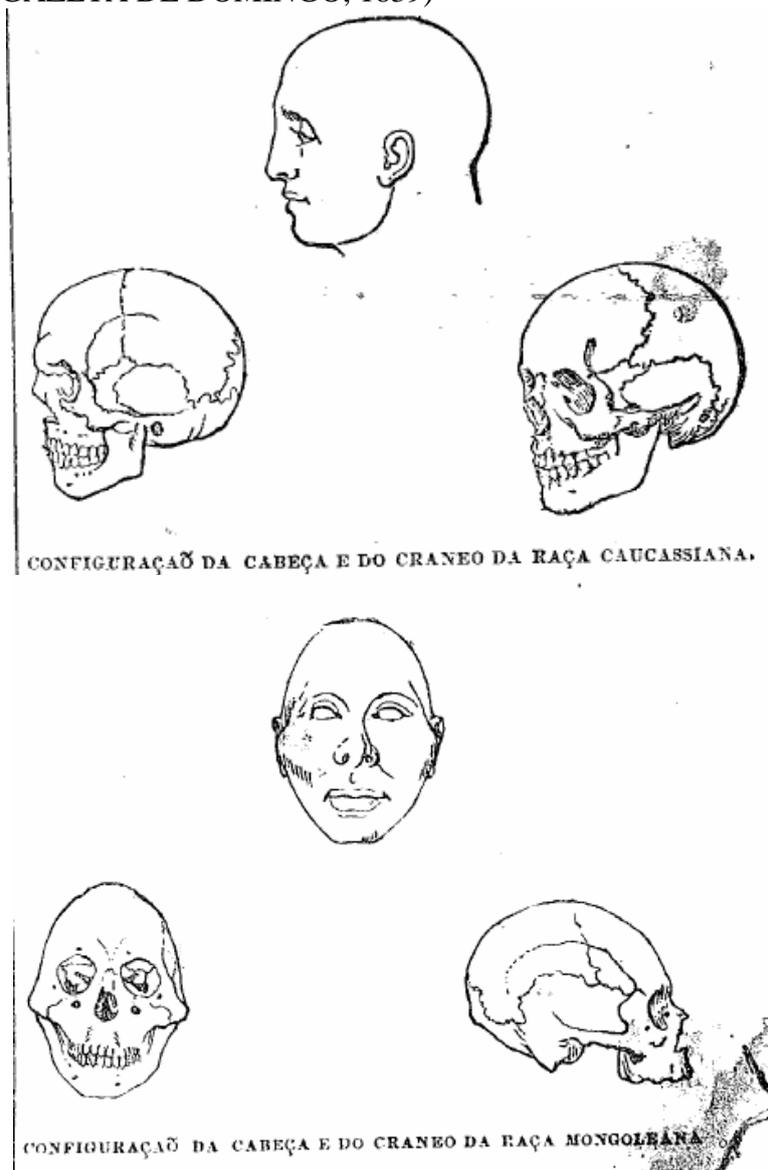
⁴ Vale ressaltar que não faltaram incentivos dos governos para a introdução de novas culturas e maquinários no País. O governo joanino foi quem deu o pontapé inicial para a introdução de novos conhecimentos e tecnologias. Para tanto, uma série de medidas foram tomadas para incrementar a indústria e a cultura de gêneros no país, como o alvará de 25 de abril de 1818, que isentava de tarifas de importação qualquer tipo de equipamento que fosse melhorar a produção no país. Em 1830, o governo passou a dar prêmios aos introdutores de novas invenções da arte ou indústria estrangeira. A *Secretaria de Negócios do Império* era a responsável pela concessão dos prêmios. A recompensa não era dada em dinheiro, mas concedia ao seu merecedor a exclusividade de uso da invenção em todo o Império por um período de tempo determinado após análise jurídica, podendo chegar a vinte anos (**Arquivo Nacional** – Fundo: Junta do comércio, agricultura, fabrica e navegação).

⁵ O discurso em relação à Natureza nas Belas Letras produzidas no Brasil do século XIX esteve sempre em pauta. Ora colocada como desconhecida, grandiosa, quase tenebrosa, ora vista como sublime, pura, boa, parte integrante de uma definição de Brasil; NAXARA, Márcia Regina Capelari Naxara em seu livro **Cientificismo e sensibilidade romântica** (Brasília: UNB, 2004) pormenorizou a transformação das visões em relação a Natureza, visões essas que se gestaram entre os filósofos, de fins do século XVIII e início do XIX, e que, gradativamente, foram sendo absorvidas e incorporadas nas narrativas dos visitantes estrangeiros. Contudo, as impressões deixadas por estes viajantes não se limitaram a uma descrição simples do cenário, mas coligavam subjetivações presentes no próprio discurso criado acerca da natureza, subjetivações essas que marcaram presença nas descrições e nas concepções estéticas dos letrados do século XIX.

extraordinário, tem exercido o domínio sobre todas as mais raças. As poderosíssimas nações da antiguidade, e a força que lhe não cede em proporção, das modernas concentradas na Europa, provam evidentemente a primazia desta raça em tudo que diz respeito a parte imaterial do homem, e no que constitui formidável para com os seus semelhantes; enquanto que a par da marcha dos tempos, se nota um melhoramento progressivo em tudo que indica talento e inteligência (Gazeta dos Domingos, 1839, p.7).

Ao final dos artigos eram publicas ilustrações, como as que se seguem:

FIGURA 1 – Gravuras que representam os tipos de feições e crânios das “raças” humanas (GAZETA DE DOMINGO, 1839)



FONTE: **Gazeta dos Domingos**: revista enciclopédica semanal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tip. Americana, 1839, n.1, 2 e 4.

Não foram apenas aspectos biológicos sobre o homem que foram veiculados nas páginas da imprensa, em alguns casos aspectos sociais também foram privilegiados. No artigo

intitulado “Ciências Sociais”, *O Globo* (1844)⁶ divulgou as idéias do socialista utópico François Marie Charles Fourier (1772-1837), que para eles era o homem que mais se preocupava com a organização e finalidade do trabalho. “Nós publicaremos uma exposição de sua doutrina; por nos parecer melhor resumir as idéias deste gênio tão fecundo, e tão poderoso.” O objetivo da veiculação das idéias de Fourier era divulgar as suas teorias, segundo o texto, “inda muito estranhas no Brasil”, mas foi ressaltado que os autores não pretendiam “ocupar o lugar de campeão de todas as opiniões emitidas por C. Fourier e seus discípulos” (*O Globo*, 1844, p.4). Na matéria que ocupou as páginas 3, 4 e 5, foram expostas de maneira sintética as principais doutrinas do filósofo, em especial a do Falanstério. Algumas idéias sobre a organização e a criação destas organizações em certas regiões do mundo ocidental como nos Estados Unidos e na Europa, foram descritas nesse artigo que, entre outras coisas, contava com ilustrações do lugar utópico criado por Fourier. Nas páginas do *O Globo* o falanstério, tratado com muito entusiasmo, teria a seguinte finalidade:

*Independência absoluta. Ninguém será coagido em suas empresas industriais, seus gostos pessoais, emprego de sua fortuna; cada um pode a todo o instante deixar um falanstério por outro que lhe oferecer prazer, e trabalho a seu gosto. Hotéis, teatros, bibliotecas e museus etc., etc., que administração de cada falanstério é interessada a aumentar e melhorar constantemente, procurarão ao pobre falanstério gozos desconhecidos aos privilegiados do velho mundo. Já falanstérios se elevam na América, se preparam a fundar na velha Europa. Os resultados dos primeiros farão construir mil outros, e mudarão a face do mundo. A idade de ouro vai renascer. A harmonia substituirá a discórdia. A nova Jerusalém descerá sobre a terra. Deus habitará entre nós. Honra a Fourier (*O Globo*, 1844, p.5).*

Como mostra da variedade temática, também foi produzida uma espécie de “literatura científica” composta por pequenos contos que engrandeciam as ciências e os naturalistas como no caso da novela “Olaya e Júlio ou A Periquita”, publicada no *O Beija Flor*. Essa narrativa curta, publicada no número 5, conta a história do menino brasileiro Júlio e de sua periquita Olaya na viagem que empreenderam junto ao Doutor Willian, naturalista inglês, pelos sertões do Grão Pará em busca de espécimes de plantas e borboletas. Após essa excursão, envolta em pequenos perigos, os três vão a Corte, onde Júlio é condecorado e enviado a Europa para se tornar um naturalista, porém, seu retorno, no fim do texto, é prematuro, pois Júlio tinha saudades de seu país. Ao tornar, Júlio vira uma espécie de correspondente do naturalista. Toda a trama enaltece as ciências e aponta para as vantagens de desenvolvê-las no país. A história de Júlio e Olaya, em 1839, ganhou uma tradução livre para

⁶ A única edição remanescente do jornal *O Globo* veio a público no dia 13 de outubro de 1844, um domingo.

o francês nas páginas da *Revue Française*, revista publicada no Rio de Janeiro (**Revue Française**, v.1, n.5, set., 1839).

Como anunciado, os temas expostos nesse artigo são alguns exemplos da variedade e quantidade temática veiculadas pela imprensa literária na primeira metade do século XIX. Os conteúdos veiculados nas páginas da imprensa periódica pela elite letrada não pretendia apenas a familiarização dos leitores com essas temáticas, mas a incorporação desses conhecimentos num modo de vida que se queria para os homens livres, qual seja, viver de acordo com os preceitos da ilustração para poder aplicar a razão na civilização do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódicos (1808 a 1820)

O Patriota - Jornal Literário, Político e Mercantil &c., 1813-1814.

Periódicos (1820 a 1830)

Annaes Fluminense de Sciencias, Artes e Literatura. Rio de Janeiro, RJ : Typ. de Santos e Sousa, Tomo 1, n.1, janeiro 1822.

Jornal Scientifico, Economico e Litterario. Rio de Janeiro, RJ : Typ. de Torres, v.1, n.1 (22 de maio de 1826)-v.1, n.3 (julho de 1826).

Periódicos (1830 a 1840)

A Verdade: jornal miscelanico. Rio de Janeiro, RJ : Typ. Nacional, 1832-1834.

Revue francaise: litterature, sciences, beaux arts, politique... Rio de Janeiro, RJ : Imprimerie e chal. de C. H. Frirey, Vol.1, n.1 (01 de maio de 1839)-vol.2, n.4 (01 de abril de 1840).

O Propagador de conhecimentos uteis. Rio de Janeiro, RJ : Typ. Americana, 1836

Niteroi, revista brasiliense letras e artes. Sao Paulo : Academia Paulista de Letras, 1978 (edição fac-símile).

A Miscellania Scientífica. Rio de Janeiro: Tip. de José Andrés Garcia Ximenes, 1835.

A Gazeta dos Domingos: revista enciclopédica semanal do Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1839, p.1.

O Auxiliador da Indústria Nacional. Rio de Janeiro: Tip. de Seignot-Planchet, 1833-35; 1838; 1841; 1847-89.

Periódicos (1840 a 1850)

A Sciencia: revista synthetica dos conhecimentos humanos. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Silva Lima, Anno 1, n.1 (02 de julho de 1847 – 22 de julho de 1848).

Guanabara: revista mensal artistica, scientifica e litteraria. Rio de Janeiro, RJ : Typ. Guanabarensense, de L.A.F. de Menezes, 1850.

Minerva Brasiliense: jornal de sciencias, letras e artes. Rio de Janeiro, RJ : Typ. de J.E.S. Cabral, 1843-1845.

O Globo: jornal philosophico, literario, industrial e scientifico. Rio de Janeiro, RJ : Typ. J.R. da Costa, 1844

O Gosto: jornal de theatros, litteratura, modas, poesia, musica... Rio de Janeiro, RJ : Typ. Imparcial de F. de P. Brito, Vol.1, n.1 (05 de agosto de 1843)-vol.1 , n.5 (07 de setembro de 1843).

Bibliografia

CATALAGO de periódicos brasileiros microfilmados. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994;

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais no Império. In: DANTES, Maria Amélia M. **Espaço das ciências no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p.83-110.

FONSECA, Godim da. **Biografia do Jornalismo Carioca**. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

KURY, Lorelai. Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. **Manguinhos**, Rio de Janeiro, Fiocruz, v.2, p.267-291, jul.-out., 1998.

LISBOA, José da Silva. Observações sobre a franqueza da indústria e estabelecimento de fábricas no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1810. Por ordem de sua alteza real. In: ROCHA, Antonio Penalves. ROCHA, Antonio Penalves (org. e introd.) **José da Silva Lisboa**, Visconde de Cairu. São Paulo: Ed. 34, Coleção Formadores do Brasil, 2001, p.222.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Cia das Letras, 2000, 497p.

NAXARA, Márcia Regina Capelari em seu livro **Cientificismo e sensibilidade romântica** (Brasília: UNB, 2004)

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, FGV, n.104, p.144-161, jul., 1998.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. **The Spectator, o teatro das luzes – diálogo e imprensa no século XVIII**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

VIANNA, Hélio. **Contribuição a história da imprensa brasileira (1812-1869)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.